

OS CONCEITOS DE CONHECIMENTO DO MUNDO [*WELTKENNTNIS*] E DE *COSMOTHEOROS* EM KANT

The concepts of Knowledge of the World [*Weltkenntnis*] and *Cosmotheoros* in Kant

Jorge Vanderlei Costa da Conceição 

Universidade Federal de Juiz de Fora – Juiz de Fora, Brasil
anedotismo@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo visa analisar os significados dos conceitos de conhecimento do mundo e de *Cosmotheoros* em Kant, a fim de defender a tese de que ambos indicam uma metodologia investigativa da natureza humana. Essa metodologia visa evidenciar que o ser humano é o único ser racional conhecido capaz de produzir o seu próprio caráter e uma visão própria do mundo. Isso é possível, uma vez que a natureza humana é pensada como o efeito dos fins que ele cria para si mesmo a fim de se aperfeiçoar. Em outras palavras, a natureza humana é o efeito daquilo que o homem faz de si mesmo como um ser moral e habitante da terra.

Palavras-chave: *Cosmotheoros*; Conhecimento do mundo; Antropologia pragmática; Geografia Física; Natureza humana.

Abstract: This article aims to examine the meanings of Knowledge of the World and *Cosmotheoros* concepts in Kant to defend the argument that they both point to a methodology for exploring human nature. This methodology seeks to demonstrate that humans are the only known rational beings capable of creating their own character and worldview. This is feasible because human nature is thought to be the result of the goals they set for themselves to improve. Human nature, in other words, is the result of what man makes of himself as a moral being and a citizen of the earth.

Keywords: *Cosmotheoros*; Knowledge of the World; Pragmatic anthropology; Physical geography; Human nature.

1. Introdução

Em *Opus Postumum* como em outras obras, Kant afirma que o objetivo central de seu trabalho filosófico incide no exame da seguinte questão: como são possíveis as proposições sintéticas *a priori*? (*OP*, 22: 53)¹ Além disso, nessa obra, em especial, ele afirma que a completude da filosofia transcendental se realizaria ao resolver a questão das ideias de mundo e de Deus, pois essas questões precisam ser solucionadas pela razão humana, caso contrário, o sistema da filosofia transcendental nunca estará completo (*OP*, 22: 53). Ainda nessa obra póstuma, Kant trata da possível passagem da metafísica para

¹ As obras de Kant serão citadas pelas siglas estabelecidas internacionalmente pela direção da Revista Kant-Studien e adotadas pela Kant-Gesellschaft, a Sociedade Kant Brasileira, a Revista Studia Kantiana e a revista Kant e-prints. Ver http://www.degruyter.com/files/down/instructions/ksins_e.pdf

física, que também é considerada essencial para a conclusão da sua tarefa crítica (OP, 21: 474).

O presente artigo não pretende apresentar uma solução aos problemas apresentados no parágrafo anterior, mas sim problematizar de que forma o conceito de ser humano é pensado nessa obra póstuma, em especial, no *Convolut 1*. O conceito de natureza humana é tematizado no início desse livro por intermédio de outro dois, que são: de conhecimento do mundo [Weltkenntnis] e de *Cosmotheoros* (OP, 21: 32). É importante observar, que para definir os significados desses conceitos será necessário consultar outras obras kantianas, em especial, a obra *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, as lições de antropologia e de geografia física, ministradas por Kant por mais de trinta anos (*Anth*, 7: 122) e suas aulas de lógica. Essa consulta é imprescindível, porque nesses textos esses conceitos são desenvolvidos satisfatoriamente, o que nos fornece subsídio para interpretá-los no *Opus Postumum*.

Poderíamos examinar a ideia de ser humano no *Opus Postumum* a partir da doutrina da autoposição, assim afirmando haver uma possível reinterpretação do idealismo transcendental nessa obra. Isso seria possível, pois a pressuposição de um objeto exterior ao sujeito é necessária na *Crítica da razão pura*, porque sem a sua permanência, o sujeito transcendental não seria capaz de intuir a própria existência temporal. Neste contexto, o próprio sujeito transcendental torna-se um objeto de investigação filosófica, pois a atividade espontânea do seu entendimento em produzir conceitos e de agir segundo eles delimita uma nova característica à sua natureza. Por esse motivo, na razão teórica a natureza humana é pensada como um solucionador de problemas, um substrato material capaz de transformar dados sensíveis em operações cognitivas. Entretanto, na razão prática, a natureza humana é o resultado daquilo que o ser humano faz de si como uma ser racional e livre, que é educar-se, civilizar-se e moralizar-se (*Anth*, 7: 322). No *Opus Postumum*, o ser humano é descrito como o observador do mundo [Weltbeschauer] (OP, 21: 553), na medida em que se reconhece como um cidadão e habitante do mundo.

O objetivo do presente trabalho é indicar o que significa investigar o ser humano como um cidadão e habitante do mundo capaz de criar uma visão *a priori* do mundo e de si mesmo. Essa observação é essencial, pois a natureza humana é pensada como efeito daquilo que o ser humano faz de si mesmo como um ser racional. Para validar essa tese

interpretativa, dividimos o presente trabalho em duas partes. Na primeira, analisaremos a ideia de *Cosmotheoros* na obra kantiana, a fim de indicar que investigar o homem neste sentido é reconhecer que ele é o único ser racional conhecido capaz de produzir o próprio caráter. Na segunda parte, examinaremos o que Kant compreende por conhecimento, na medida em que esse é entendido como um sistema composto pelas suas instruções de geografia e de antropologia.

2. O conceito de *Cosmotheoros* em Kant

Conforme Kant,

Deus, o mundo e o homem (cosmopolita) como persona (ser moral), como ser sensível, habitante do mundo consciente da sua liberdade e como ser racional sensível no mundo.

Deus, o mundo e o homem, um ser sensivelmente prático no mundo (arquitetônico). *Cosmotheoros*, aquele que cria ele mesmo *a priori* e os elementos do conhecimento do mundo [*Welterkenntnis*], a partir dos quais, como simultaneamente habitante do mundo [*Weltbewohner*], ele constrói na ideia a visão de mundo [*Weltbeschauung*].² (*OP*, 21: 31)

Kant problematiza o ser humano no *Opus postumum* como um ser *Cosmotheoros*, ou seja, como um habitante do mundo. É importante observar, que, provavelmente, Kant retira o conceito de *Cosmotheoros* da obra de Christiaan Huygens, pois há diferentes referências ao físico na obra kantiana, que vai desde descrição do funcionamento do pêndulo na construção de relógios à possibilidade de vida extraterrestre (*BDG*, 2: 152 / *NG*, 2: 89 / *OP*, 21: 280). Além disso, Kant é textual ao afirmar que desde Huygens a doutrina sobre a constituição do planeta terra e das estrelas não teria avançado substancialmente (*NTH*, 1: 247). Em seu trabalho intitulado de *Cosmotheoros*, publicada em 1698, Huygens defende a possibilidade de vida extraterrestre no nosso sistema solar e, além disso, estima que a composição e a forma corpórea dos seres racionais extraterrestre são determinadas pelas condições geográficas e climáticas de cada um dos planetas do nosso sistema solar. No *Opus Postumum*, Kant não problematiza o conceito de *Cosmotheoros* a partir da perspectiva da vida em outros planetas tal como fez no período pré-crítico, mas sim do

² „Gott: die Welt: und der Mensch als (*Cosmopolita*) Person (moralisches Wesen) sich seiner Freiheit bewusste Sinnenwesen (Weltbewohner) das vernünftige Sinnenwesen in der Welt. Gott, die Welt und der Mensch ein sinnlich// praktisches Wesen in der Welt (Architektonisch). *Cosmotheoros* der die Elemente der Weltkenntnis a priori selbst schafft aus welchen er die Weltbeschauung als zugleich Weltbewohner [...].“

homem como um ser no mundo. Em outras palavras, nessa obra a perspectiva cosmológica é substituída por uma visão do homem como cidadão e habitante do mundo.

Em relação à vida em outros planetas, na obra de 1755, *História universal da natureza e da teoria do céu*, Kant propôs uma analogia físico-cosmológica³ fundamentada na obra de Huygens, que em linhas gerais, consiste em comparar a constituição material [*Beschaffenheit der Materie*], a constituição espiritual [*geistige Fähigkeit*] e moral [*moralische Beschaffenheit*] dos habitantes da Terra com as possíveis características dos habitantes de os outros planetas do nosso sistema solar. O critério utilizado para essa comparação é a distância de cada planeta do Sol, pois a localização de cada um deles determinaria as suas características climáticas e geológicas. De acordo com a analogia físico-cosmológica, as características climáticas e geológicas determinariam a constituição material e moral dos habitantes de cada planeta, porque todos os astros do nosso sistema solar estão submetidos às mesmas leis da física newtonianas. Assim, as condições climáticas de cada planeta determinariam a compleição material dos seus habitantes, que, por sua vez, determina as condições espirituais (cognitivas) e morais deles.⁴

De acordo com a organização proposta por Adickes, o trecho citado do versículo primeiro do *Opus Postumum* foi escrito entre 1800 e 1803, nesse versículo da obra póstuma, Kant tematiza a ideia de Deus, mundo e homem como três propósitos da

³ Em *História universal da natureza e da teoria do céu* publicada em 1755, Kant cogita a hipótese da possibilidade da existência de vida em outros planetas a partir de analogias físico-cosmológicas. A fim de entendermos essa suposição, analisaremos brevemente a estrutura dessa obra, que foi dividida pelo autor em três partes. Na primeira parte, Kant apresentou de forma sucinta as leis de Newton, pois elas lhe permitiram explicar o movimento dos corpos tanto terrestre quanto celeste. Na segunda parte, ele delimita em linhas gerais uma teoria da evolução do espaço, pois a organização do caos primitivo do universo pode ser explicada por meio da causalidade mecânica e teleológica, pois o universo é formado por estruturas similares que se repetem e as leis newtonianas são as responsáveis por isso. Aventar essa hipótese lhe permitirá induzir a tese de que todo o universo é organizado pelas mesmas leis e formado pela mesma matéria. Na terceira parte, após ter generalizado a possibilidade de que todo o Universo é formado pela mesma matéria e organizado pelas mesmas leis, Kant conclui por ilação que a compleição dos corpos e a formação espiritual dos habitantes de cada um dos planetas do nosso sistema solar são determinadas pela distância de cada um deles do Sol. Além disso, esses habitantes são constituídos pela mesma matéria igual ao Universo, por essa razão a sua constituição física e espiritual (capacidade racional) estão subordinadas às mesmas leis naturais.

⁴ Acerca das capacidades espirituais, Kant afirma o seguinte: “portanto, se as capacidades espirituais estão em uma necessária dependência frente à substância da máquina em que elas habitam, então poderemos concluir com uma probabilidade mais que do razoável que: a excelência das naturezas pensantes, a prontidão nas suas representações, a clareza e a vivacidade dos conceitos que recebem das impressões exteriores, assim como a faculdade de associá-las, por fim também a agilidade no exercício real, em resumo, toda a extensão da sua perfeição, está submetida a certa regra segundo a qual estas criaturas se tornam sempre mais excelentes e mais perfeitas de acordo com a relação de distância do seu lugar de habitação em relação ao Sol” (*NTH*, 1: 359).

filosofia transcendental. Em relação à ideia de homem, ela é tematizada como o habitante do mundo [*Weltbewohner*], na medida em que o ser humano é consciente da sua personalidade. Essa observação é importante, visto que Kant não visa mais comparar as características morais e físicas dos seres humanos com as possíveis características de outros seres racionais, que poderiam viver em qualquer outro planeta. Ao invés disso, o foco é evidenciar as consequências das diferentes culturas das sociedades humanas e a sua relação com os seus diferentes habitats.

Na *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, Kant não compara as características do temperamento e do caráter dos seres humanos como possíveis seres existentes em outros planetas, pelo contrário, considera as diferentes regiões que os seres humanos são encontrados no planeta (*Anth*, 7: 324). Na obra *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, Kant escreve o seguinte:

para poder indicar um caráter da espécie de certos seres se requer que ela seja compreendida sob um conceito juntamente com outras por nós conhecidas, mas que se indique e empregue, como fundamento-de-diferenciação, aquilo por meio do que, como particularidade (*proprietas*), elas se diferenciam uma das outras. – Se, no entanto, se compara uma espécie de seres que conhecemos (A) como uma outra espécie de seres (*non A*) que não conhecemos, como se pode esperar ou desejar que se indique um caráter da primeira, se nos falta o conceito intermediário de comparação (*tertium comparationis*)? – Se o conceito supremo da espécie for o de um ser racional terrestre, então não poderemos nomear nenhum caráter dele, porque não temos conhecimento de seres racionais não-terrestres para poder indicar sua particularidade e caracterizar assim aqueles seres terrestres entre os racionais em geral. – Parece, por conseguinte, que o problema de indicar o caráter da espécie humana é absolutamente insolúvel, porque a solução teria de ser empreendida por comparação entre duas espécies de seres racionais mediante experiência, a qual não no-las oferece.⁵ (*Anth*, 7: 321)

⁵ „Von der Gattung gewisser Wesen einen Charakter anzugeben, dazu wird erfordert: daß sie mit anderen, uns bekannten unter einen Begriff gefaßt, das aber, wodurch sie sich von einander unterscheiden, als Eigentümlichkeit (*proprietas*) zum Unterscheidungsgrunde angegeben und gebraucht wird. – Wenn aber eine Art von Wesen, die wir kennen (A), mit einer andern Art Wesen (*non A*), die wir nicht kennen, verglichen | wird: wie kann man da erwarten oder verlangen, einen Charakter der ersteren anzugeben, da uns der Mittelbegriff der Vergleichung (*tertium comparationis*) abgeht? – Der oberste Gattungsbegriff mag der eines irdischen vernünftigen Wesens sein, so werden wir keinen Charakter desselben nennen können, weil wir von vernünftigen, nicht-irdischen Wesen keine Kenntniß haben, um ihre Eigentümlichkeit angeben und so jene irdische unter den vernünftigen überhaupt Charakterisieren zu können. – Es scheint also, das Problem, den Charakter der Menschengattung anzugeben, sei schlechterdings unauflöslich: weil die Auflösung durch Vergleichung zweier Species vernünftiger Wesen durch Erfahrung angestellt sein müßte, welche die letztere uns nicht darbietet.“

Nessa citação, Kant apresenta o problema da impossibilidade de definir um caráter para a espécie humana, dado que não conhecemos nenhuma outra espécie de seres racionais além da terrestre. No caso da obra *História universal da natureza e da teoria do céu*, a comparação do caráter dos seres racionais terrestre e não terrestre acontecia através de um suposto dado fisiológico, pois a distância de cada planeta do nosso sistema solar do Sol determinaria a constituição da matéria desse ser, o que, por sua vez, influenciaria as operações das faculdades cognitivas. Porquanto, na *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, o ser humano é descrito por Kant como o único ser racional conhecido capaz de produzir o próprio caráter. De acordo com Kant, “para indicar a classe do ser humano no sistema da natureza viva e assim o caracterizar, nada mais nos resta a não ser afirmar: que ele tem um caráter que ele mesmo cria para si enquanto é capaz de se aperfeiçoar segundo os fins que ele mesmo assume”⁶ (*Anth*, 7: 322).

No *Opus Postumum* (*OP*, 21: 31), o ser humano é tratado como um ser *Cosmotheoros*, pois cria para si uma visão *a priori* do mundo, porque como um ser racional é capaz de criar o seu próprio caráter através dos fins que cria para si mesmo. Neste contexto, o caráter da espécie é um produto do que o ser humano faz de si como um ser racional e livre. Neste sentido, a investigação do ser humano como um ser *Cosmotheoros* ocupa-se do que ele é capaz de fazer de si mesmo como um habitante do mundo e como um ser cosmopolita. Dito de outro modo, o ser humano não é investigado a partir de um ponto de vista cosmológico, mas sim da antropologia e da geografia física como um ser habitante do mundo. Por esse motivo, o *Conhecimento do mundo* é um elemento indispensável na construção da resposta da seguinte questão: o que significa investigar o homem em sentido *Cosmotheoros* tal como Kant desenvolve no *Opus Postumum*? Responder essa questão implica em admitir que o ser humano é o único ser racional conhecível capaz de produzir o próprio caráter a partir dos fins que estipula para si mesmo e, em razão disso, produz uma visão própria do mundo e de si mesmo. Entretanto, a resposta dessa questão é limitada no conjunto do texto do *Opus Postumum*, por isso é necessário consultarmos os cursos de antropologia e de geografia ministrados por Kant.

⁶ „Es bleibt uns also, um dem Menschen im System der lebenden Natur seine Classe anzuweisen und so ihn zu charakterisieren, nichts übrig als: daß er einen Charakter hat, den er sich selbst schafft, indem er vermögend ist, sich nach seinen von ihm selbst genommenen Zwecken zu perfektionieren [...]“

Em seus cursos de geografia física, Kant argumenta que “a experiência da natureza e do homem juntas constituem o *Conhecimento do mundo*. O conhecimento do homem nos é ensinado pela antropologia, o conhecimento da natureza devemos a Geografia física ou a descrição física” (PG, 9: 157). O *Conhecimento do mundo* é entendido por Kant como a junção entre os cursos de *Antropologia* e de *Geografia física*, na medida em que ambos os cursos são compreendidos como exercícios introdutórios dele (Anth, 7: 122). Assim, por um lado, a geografia física é a parte teórica desse sistema, porque investiga o homem como um objeto da natureza, mais especificamente, como uma habitante do mundo.⁷ Por outro lado, a antropologia trata do conhecimento prática, à proporção que investiga o homem como um cidadão do mundo, uma vez que estuda o que ele pode e deve fazer de si como um ser livre. Em razão disso, defendemos que a investigação do homem como ser *Cosmotheoros* está associada ao *Conhecimento do mundo*, que é composto pelas aulas de geografia e de antropologia de Kant.

O *Conhecimento do mundo* é um elemento indispensável na construção da resposta da seguinte questão: o que significa investigar o homem em sentido *Cosmotheoros* tal como Kant desenvolve no *Opus Postumum*? Para validar essa hipótese interpretativa, inicialmente, analisamos o que é *Conhecimento do mundo*, a fim de indicar que ele é composto pelas instruções de *Geografia física* e de *Antropologia*. Na próxima seção, analisaremos a ideia de conhecimento do mundo, pois essa visão que o homem constrói de si mesmo e do mundo funda o que Kant chama de conhecimento do mundo.

3. *Conhecimento do mundo*

No manual das aulas de *Lógica de Jäsche*, Kant caracteriza a metodologia empregada em seus cursos acerca do *Conhecimento do mundo* como popular [*Popularität*]. Para delimitar essa didática, ele diferencia a didática popular do pedantismo [*Pedanterie*] e do cavalheiresco [*Galanterie*]. A didática pedante se limita a transmissão de fórmulas e, por isso, o conhecimento científico fica restrito a mera repetição sem nenhuma aplicação prática. O pedante é chamado por Kant de o enganador

⁷ Em relação ao tema das aulas de geografia física e de antropologia como parte do *Conhecimento do mundo*, publicamos um artigo, intitulado *Geografia física e a história natural em Kant: uma releitura semântica*, na revista *Studia Kantiana* (v. 15, n. 3, 2017). Nesse artigo, apresento os primeiros resultados obtidos na minha pesquisa de pós-doc e discuto analiticamente esses cursos. Além disso, indicamos a leitura da obra de Adickes (1911), *Untersuchungen zur Kants physische Geographie*, pois nela ele apresenta um panorama dos cursos de geografia e indica a complementariedade entre esses cursos e os de antropologia.

de fórmulas [*Formalienglauber*]. “Por isso, o pedantismo também pode ser caracterizado como uma minuciosidade rebuscada ou uma inútil exatidão de fórmulas” (*Log*, 9: 46). Ele afirma que a metodologia empregada pelo filósofo escolástico é a pedante, pois visa apenas um conhecimento abstrato do mundo e do ser humano.

Para diferenciar a didática popular da cavalheiresca, Kant define a última da seguinte maneira: “semelhante à cortesã que busca o aplauso do gosto – o cavalheirismo nada mais é do que uma popularidade afetada: o cavalheiro esforça-se exclusivamente para a simpatia do leitor e não o molesta uma vez sequer com uma palavra difícil” (*Log*, AA, 9: 47). A didática cavalheiresca é caracterizada pela adequação dos argumentos conforme o gosto da plateia, porque não é a transmissão do conhecimento científico mediante fórmulas tal como ocorre no caso da pedante, mas a difusão do conhecimento acontece de forma acessível à plateia. Porém, o orador cavalheiresco procura agradar o ouvinte a partir de frases e de palavras de impacto, o que cativa a plateia, ou seja, o orador adéqua a sua fala ao interesse do público. O orador cavalheiresco é comparado à cortesã, porque visa apenas agradar a plateia por meio de uma fala prazerosa.

Para evitar o pedantismo e o cavalheirismo, Kant esclarece que a didática empregada nos seus cursos acerca do *Conhecimento do mundo* é a popular. Ele a define da seguinte maneira: “com efeito, a verdadeira popularidade exige muito conhecimento prático do mundo e dos homens, conhecimento dos conceitos, do gosto e das inclinações dos homens, o que sempre deve ser levado em conta na apresentação e mesmo já na escolha das expressões convenientes e apropriadas à popularidade” (*Log*, 9: 47). A característica do *Conhecimento do mundo* é a sua metodologia popular, a investigação do ser humano como um ser no mundo, isso acontece como um habitante e cidadão do mundo.

Segundo Adickes,

a partir do *Conhecimento do mundo*, isto é, do qual o uso do conhecimento e das habilidades adquiridas é aplicável ao mundo. Este *Conhecimento do mundo* é teórico, quando ele refere-se, como a *Geografia física*, às coisas no mundo, por exemplos, animais, as plantas e minerais nas diversidades de países e climas, a raça humana como produto pertencente ao jogo da natureza e em geral, o que a natureza faz do homem; ele é pragmático, quando ele, como na *Antropologia*, ocupa-se do homem como cidadão do mundo e, por conseguinte, o que ele pode fazer de si como ser racional livre ou no mínimo o que pode e deve fazer. (Adickes, 1925, p. 377)

Para o pesquisador, o *Conhecimento do mundo* é definido como um conjunto de habilidades adquiridas pelo ser humano e aplicáveis ao mundo, na medida em que: a *Antropologia* é a parte prática e ocupa-se do conhecimento do homem como um cidadão do mundo e a *Geografia física* é a parte teórica, porque trata do conhecimento das coisas no mundo.

Na introdução da *Antropologia de um ponto de vista pragmática*, escreve Kant:

em minhas atividades de filosofia pura, empreendidas inicialmente de maneira livre e mais tarde a mim atribuídas como ensino, tenho ministrado ao longo de uns trinta anos dois cursos referentes ao conhecimento do mundo, a saber: antropologia (no semestre de inverno) e geografia física (no de verão), aos quais, como lições populares, pessoas de outros estamentos também acharam oportuno assistir. Do primeiro curso procede o presente manual; mas publicar, do segundo, um outro igual, a partir do manuscrito usado por mim como texto, e ilegível para qualquer outro além de mim, dificilmente me seria possível agora, dada a minha idade. (*Anth*, AA, 7: 122)

O conhecimento do mundo é composto pelas instruções de antropologia e de geografia física ministrados por Kant ao longo de trinta anos. O ser humano é objeto de investigação tanto da antropologia quanto da geografia física, nesse caso, o homem é investigado como uma coisa no mundo e, naquele caso, é examinado a partir do que ele é capaz de fazer de si mesmo como um ser livre. De acordo com Kant, “a geografia se refere aos fenômenos em relação ao espaço, mas que acontecem ao mesmo tempo [*zu gleicher Zeit*]. Conforme os diferentes objetos, com os quais a última se ocupa e, por isso, recebe diferentes nomes. Por conseguinte, chama-se geografia física, matemática, política, moral, teológica e mercantil” (*PG*, 9: 161). A geografia física examina os seres humanos a partir das diferentes regiões nas quais eles vivem no planeta terra. Em outras palavras, a investigação geográfica nos permite, por exemplo, comparar os diferentes temperamentos, formas de comércio e organização política entre os povos, ao invés de comparar os seres humanos com outros seres racionais possíveis como o autor defendera em *História universal da natureza e da teoria do céu* (*PG*, 9: 165).

Louden defende que a *Antropologia* é a segunda parte do *Conhecimento do mundo*, por isso ela está restrita ao domínio da filosofia moral aplicada, porque é a parte impura da ética kantiana. De acordo com ele:

Weltkenntnis moral nos ensina a ver o mundo com características morais: isto nos fornece uma relevante estrutura empírica para qual nós aplicamos os princípios da moral pura. Os seres humanos não podem simplesmente sozinhos saltar para a ética pura – sabe-se que é necessário o conhecimento de situações empíricas na aplicação dos princípios *a priori*.⁸ (Louden, 2011, p. 18)

Para Louden, a antropologia é o estudo dos efeitos práticos que possam pensar-se como produzidos pelas ações livres dos seres humanos no mundo, por esse motivo, a antropologia seria uma espécie de propedêutica da moral. A justificativa da necessidade desse estudo preparatório é a incapacidade humana de agir de acordo com os princípios puros da ética kantiana. Nitidamente, tanto Louden quanto Adickes entendem a antropologia como o estudo do que o homem é capaz de fazer de si mesmo como um ser livre, mas ambos subjugam a antropologia pragmática a antropologia moral.

O interessante do trabalho do Louden (2011) é a definição de antropologia como o estudo dos efeitos fenomênicos que possam ser pensados como produzidos pelas ações livres dos seres humanos, na medida em que essa definição lhe permite defender a tese de que a antropologia pragmática é a segunda parte da ética kantiana. Todavia, essa definição é influenciada pelo significado do adjetivo pragmática apresentada por Peirce, em *Conferências sobre o pragmatismo*. Nas palavras de Peirce (1983),

a antropologia pragmática, de acordo com Kant, é a ética prática. Horizonte pragmático é a adaptação do conhecimento geral como finalidade de influenciar a moral.

Pragmatismo é a opinião segundo a qual a metafísica será amplamente clarificada pela aplicação da seguinte máxima que visa conseguir clareza: considerar os efeitos práticos que possam pensar-se como produzidos pelo objeto de nossa concepção. A concepção destes efeitos é a concepção total do objeto. (p. 5)

Segundo Peirce (1983) e Louden (2011), a antropologia pragmática é caracterizada pela adaptação do conhecimento de que se tem da natureza humana a favor de influenciar a realização da moral pelos seres racionais finitos. Em razão disso, a antropologia pragmática é definida como o estudo dos efeitos fenomênicos que possam

⁸ “Moral *Weltkenntnis* teaches us show to see a world with moral features: it provides us with the relevant empirical framework to which we are to apply pure moral principle. Human beings cannot simply jump unaided into pure ethics – informed knowledge of the empirical situation to which a priori principles are to be applied is necessary.”

ser pensados como produzidos pelas ações livres dos seres humanos. Logo, a concepção desses efeitos é a concepção de natureza humana. Em vista disso, Louden define o *Conhecimento do mundo* como uma estrutura empírica que nos permite ter uma visão moral do mundo, que é a base para aplicarmos os princípios da moral pura.

Concorda-se, em parte, com a argumentação de Louden, uma vez que a análise da concepção de antropologia nas diferentes versões dos *cursos de Antropologia* pode ser alinhada de um ponto de vista moral, mas isso não significa que se deve reduzir a antropologia pragmática à segunda parte da moral. Brandt (1999) sugere que a definição de antropologia pragmática desenvolvida em 1798 não é a segunda parte impura da moral kantiana, pois ela é a investigação do homem como um cidadão do mundo. Nas palavras dele: “se essas suposições são verdadeiras, então a “antropologia pragmática” não é idêntica à antropologia, que muitas vezes Kant chama de disciplina complementar da filosofia moral pura, por exemplo, na *Fundamentação da metafísica da moral*”⁹ (Brandt, 1999, p. 15). Brandt defende que antropologia pragmática não está submetida a antropologia moral, ou seja, não está subjugada à antropologia moral como defende Louden (2011). Neste sentido, sustentamos a tese de que a antropologia é a investigação do homem como cidadão do mundo tal como defende Perez (2009), o que seria admitir que a antropologia é o estudo do que o homem faz de si mesmo como um ser livre e indicar as diferentes formas como ele se reconhece como cidadão no domínio moral, jurídico e histórico.

Para descrever de que forma o ser humano é problematizado em seus cursos de *Geografia física*, Kant estabelece o seguinte critério: “a geografia se refere aos fenômenos em relação ao espaço, mas que acontecem ao mesmo tempo [*zu gleicher Zeit*]. Conforme os diferentes objetos, com os quais a última se ocupa e, por isso, recebe diferentes nomes. Por conseguinte, chama-se geografia física, matemática, política, moral, teológica e mercantil” (*PG*, 9: 161). A geografia física examina os seres humanos a partir das diferentes regiões que os mesmos são encontrados na superfície do planeta Terra, pois eles são investigados de acordo com os seus temperamentos, inclinações, disposições, formas de comércio, religião e organização política como já indicado. Para delimitar a especificidade da *Geografia física* em relação à *História natural* é necessário distinguir-

⁹ „Wenn diese Annahmen stimmten, dann ist die ‚pragmatische Anthropologie‘ nicht identisch mit der Anthropologie, die Kant verschiedentlich als ergänzende Disziplin der reinen Moralphilosophie fordert, z. B. in der *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*.“

se os conceitos de *Descrição da natureza* [Naturbeschreibung] e de *História da natureza* [Naturgeschichte].

Em *Das diferentes raças humanas*, Kant diferencia ambos os conceitos da seguinte maneira:

nós habitualmente tomamos as denominações *Descrição da Natureza* e *História da Natureza* no mesmo sentido. Mas, está claro que o conhecimento das coisas da natureza, como elas agora são, sempre deixa a desejar o conhecimento daquilo que elas foram anteriormente, e por qual série de alterações passaram para chegar ao seu estado presente em todos os lugares. A História da Natureza, da qual nos falta quase tudo ainda, ensinar-nos-ia sobre a alteração da forma da terra, bem como sobre a alteração que as criaturas da terra (plantas e animais) sofreram por meio de migrações naturais, e sobre as derivações originadas do protótipo do gênero fundamental [Stammgattung] dessas criaturas. Ela provavelmente reduziria uma grande quantidade de espécies aparentemente diferentes a raças do mesmo gênero, e transformaria o agora tão detalhado sistema escolar de Descrição da Natureza em um sistema físico para o entendimento. (VvRM, 02: 435)

Essa distinção é importante, na medida em que ela demarca a metodologia investigativa da *História natural* e da *Geografia física*. A metodologia investigativa empregada por Kant em seus cursos de *Geografia física* é a *descrição da natureza*, que visa o conhecimento das coisas no mundo como elas são agora e, nos cursos de *Geografia física*, Kant acrescenta que se deve considerar nessa investigação os diferentes habitats que uma mesma espécie vive. Em vista disso, o geógrafo poderá elaborar um estudo comparativo a fim de compreender a causa dos diferentes temperamentos, formas de comércios, tradição e organização política dos seres humanos. Pode-se inferir, que a causa da diferença dessas características está relacionada às condições geográficas e climáticas de cada região na qual os seres humanos vivem.

Enfim, podemos afirmar que o Conhecimento do mundo é composto pela antropologia, a parte prática, e a geografia, a parte teórica, a junção desses dois saberes permite a Kant construir uma visão do homem como cidadão e habitante do mundo. É importante destacar, que Kant define a didática popular, empregada em seus cursos, como um conhecimento prático do mundo e dos homens e os exemplos que constituem esses saberes são retirados dos seus cursos de *Geografia* e de *Antropologia*. Ainda de acordo com ele, “conhecer, pois, o ser humano segundo sua espécie, como ser terreno dotado de razão, merece particularmente ser chamado de *Conhecimento do mundo*, ainda que só

constitua uma parte das criaturas terrenas” (*Anth*, 7: 119). É importante destacar, que, neste caso, o ser humano é investigado como um ser terreno dotado de razão, ou seja, como um habitante do mundo e como um cidadão do mundo.

4. Conclusão

O ser humano é problematizado no *Convolut 1* do *Opus Postumum* como um habitante do mundo e como um cidadão do mundo, na medida em que é o único ser racional conhecido capaz de criar uma visão *a priori* do mundo e de si mesmo. Neste trabalho, evidenciamos que a investigação do ser humano como um ser *Cosmotheoros* trata da sua investigação como um ser capaz de produzir o seu próprio caráter, porque é capaz de se aperfeiçoar a partir dos fins que assume como seus. Por esse motivo, o homem deve ser investigado como um cidadão do mundo e como habitante do mundo. A antropologia investiga o homem como cidadão do mundo, porquanto é examinado a partir do que ele é capaz de fazer de si mesmo como um ser livre. A geografia física estuda o ser humano como um habitante do mundo, como um ser que habita diferentes regiões da terra e essas determinam diferentes formas de comércio, políticas, de expressões religiosas. Entretanto, isso não significa investigar o que a natureza faz do homem, mas sim como ele se adapta nas diferentes regiões da terra como um ser livre. Por fim, defendemos que a ideia de natureza humana é pensada como o efeito da sua atuação no mundo, ou seja, como seu cidadão e habitante.

Referências

- Adickes, E. (1925). *Kant als Naturforscher* (Band II). De Gruyter.
- Brandt, R. (2007). *Die Bestimmung des Menschen Bei Kant*. Meine.
- Conceição, J. (2017, dez.). Geografia física e a história natural em Kant: uma releitura semântica. *Studia Kantiana*, 15(3), 23–42.
- Conceição, J. (2020). Os cursos de geografia física de Kant. *Discurso*, 50(1), 183–199. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2020.171577>
- Huygens, C. (1968). *Cosmotheoros*. s/n.
- Kant, I. (1900). *Gesammelte Schriften* (Bd. 1-22, Preussische Akademie der Wissenschaften, Bd. 23 Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin, ab Bd. 24 Akademie der Wissenschaften zu Göttingen, Hrsg.). De Gruyter.

- Kant, I. (1980). *Crítica da razão pura* (V. Rohden & U. B. Moosburger, Trad.). Abril Cultural.
- Kant, I. (2006). *Antropologia de um ponto de vista pragmático* (C. A. Martins, Trad.). Editora Iluminuras.
- Kant, I. (2013). *Kant im Kontext III (Komplettausgabe 2013)*. Karsten Worm - InfoSoftWare.
- Louden, R. (2000). *Kant's Impure Ethics*. Oxford University Press.
- Louden, R. (2011). *Kant's human being: essays on his theory of human nature*. Oxford University Press.
- Peirce, C. (1983). Conferências sobre o pragmatismo. In C. Peirce & G. Frege, *Peirce/Frege* (3ª ed.). Editora Abril.
- Perez, D. (2009, jul.-dez.). A Antropologia pragmática como parte da razão prática em sentido kantiano. *Manuscrito – Rev. Int. Fil.*, 32(2), 357–397.

Recebido em: 31 de dezembro de 2021

Revisado em: 26 de maio de 2022

Aprovado em: 27 de maio de 2022



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Creative Commons Attribution License.